

I. O conceito da morte.

Na última quarta-feira tentei analisar, rapidamente e superficialmente, o conceito do conhecimento e o conceito irmão, a verdade, e era meu propósito, continuar extraindo conceitos filosóficos do seu contexto usual, para desnudá-los as suas raízes dentro do cristianismo. Mas, tendo dado maior atenção ao conjunto das problemas que dessa forma surgiriam à luz, descobri que o meu método pecaria por frivolidade, se não me resolvesse a considerar em primeiro lugar o conceito fundamental da morte. Sómente depois de ter pelo menos tentado de ajustar as suas contas com a morte, é que o espírito humano pode começar a preocupar-se com problemas parciais e subordinados. Creio, que a famosa frase de Marx: "Primeiro comer, depois filosofar", deveria ser reformulada para rezar: "Primeiro aceitar a morte, depois comer, filosofar ou fazer qualquer outra coisa."

Se alguém me for despertar no meio da noite e perguntar, o que distingue o homem do animal, responderia sem refletir: a consciência do homem de sua própria morte. Sem dúvida seria uma resposta irrefletida. Sem dúvida há uma série de distinções mais objetivas entre o animal e o homem. Sem dúvida a consciência de sua própria morte não está sempre presente no consciente despertado. Portanto dizer que o homem é um animal que sabe que vai morrer é uma afirmação irrefletida. Ela tem, no entanto, uma qualidade, que nenhuma reflexão, por matura que seja, consegue produzir, ela tem a qualidade de autenticidade. Irei mais longe e direi que o saber da nossa morte é o único pensamento autêntico do qual somos capazes, todo o resto, todo esse enorme resto de ideias, de vontades, de sentimentos, de imaginações, é pose. É pose em maior e menor grau, é sincero em diluições mais ou menos adulteradas, justamente porque se desenrola diante do pano de fundo inalterável e inexortável da certeza autêntica da morte. A própria certeza da morte torna todo o resto pálido e patológico, uma tentativa desesperada e inautêntica de fugir à morte. E essa situação do homem é que torna tão atraente intelectualmente e sentimentalmente a famosa frase de Heidegger, intraduzível para o português: Wir sind zum Tode da, que transiro da seguinte forma: Vivemos neste momento e sempre para podermos morrer e até a morte.

A psicologia moderna, especialmente a freudiana, insinua, se não o diz abertamente, que tudo aquilo que chamamos de civilização é uma sublimação de um terror reprimido, em outras palavras que a civilização é o produto de uma doença. Todas as grandes e belas obras do espírito humano, os majestosos edifícios palpáveis da arquitetura tanto quanto os edifícios impalpáveis da ciência, da filosofia, da teologia, e também os edifícios mais transitórios da política e da economia, são outros tantos sintomas da neurose e psicose fundamental: o terror da morte. São sinais da loucura coletiva e individual da humanidade. E esta loucura é resultado da incapacidade do homem de suportar a certeza da morte. Se for a dar crédito aos psicoanalistas, diria que o que distingue o homem do animal é o fato do homem saber de sua própria morte e a consequente loucura do homem. Mas se a fuga do homem da morte para a civilização é uma loucura, como dizem os freudianos, ou se é uma mentira, como dizem os existencialistas, então é uma loucura bela e uma mentira grandiosa. Se é assim, não quero sarar, nem quero ter a vivência da autenticidade. Porque sarar da loucura da civilização, desmentir a mentira da cultura, seria volver ao estado sã e autêntico da brutalidade animal. Sou portanto contrário às tendências modernas de encarar a morte de frente, sou contrário aos ensinamentos filosóficos da moderna psicologia e aos ensinamentos psicológicos da moderna filosofia, sou reacionário por esperança, de que todos esses movimentos atuais, que me parecem bárbaros, são passageiros. Voltará, assim espero, o dia, quando a morte reaparecerá em seu aspecto tradicional cristão como porta para a eternidade.

Mas por antipáticos e por brutais que sejam, os pensadores atuais têm razão em insistir na tecla da morte. Sou a hora para a civilização ocidental de prestar contas diante de si mesma e diante de um juiz superior, talvez, de sua posição frente a morte. A história do pensamento europeu pode ser comparada ao trajeto de um meteoro, que começa com o resplandecer daquela frase de Jesus: "Tu sou a vida" e que acaba com aquela frase de Camus: "Há somente um problema sério na filosofia, o suicídio," e se desfaz em cinzas. No começo dessa história os homens desprezaram a morte a ponto de morrerem cantando nas fogueiras dos circos, no fim dessa história os homens desprezaram a vida a ponto de não se matarem por comodidade. Mas notem como se fecha diabolicamente o círculo do pensamento ocidental: o desprezo pela morte é visinho do desprezo pela vida. Tanto os primeiros cristãos como os últimos morrem com facilidade. Os primeiros porque tem tudo para ganhar, os últimos por não terem nada de perder. E assim entramos, o repito pela terceira vez, para a fé pela porta de fundos.

O conceito da morte.

A filosofia classica, aquela que começa aproximadamente com Descartes e acaba aproximadamente com Russell, nao tem muita paciencia com o problema da morte. Ela se tinha liberado da tutela da teologia justamente para poder sair da sombra da morte para a luz da especulacao pura e abstrata. A idade media, essa epoca crista tao cheia de vida e de coloridos, com os seus trajes vermelhos e verdes, com seus escudos multicores, com suas bandeiras e seus animais bizarros e grotescos nas torres das catedrais, nos parece sombria e escura, porque a morte paira acima dela e encobre ela, qual um morcego, com suas asas silenciosas. E a idade moderna, essa reacao contra o cristianismo, tao monotona e cinzenta, com suas fabricas e maquinas, com seu carvao e seu cimento, com seus ternos cinzas e seus estilos pseudoclassicos, nos parece luminosa, porque se esforca de nos fazer esquecer a morte. A filosofia da idade moderna posa em sintese tres perguntas: Em que consiste a realidade? Como posso conhecer a realidade? Qual é o valor da realidade? As respostas à primeira pergunta constituem e que se costuma chamar de metafisica e ontologia. As respostas à segunda pergunta perfazem o que chamamos de logica e epistemologia. As respostas à terceira pergunta formam a etica e a estetica, em uma palavra a axiologia. Dentro dessa maneira de formular perguntas nao se enquadra organicamente a pergunta fundamental: Morrerei? Ela é relegada ao esquecimento, ou pelo menos a uma importancia secundaria. Isto faz com que, aos olhos de um pensador da idade moderna, a preocupacao com a morte parece indigna de um espirito culto e alheio a supersticoes primitivas. E isto faz com que, aos olhos de um pensador atual e de um pensador da idade media, todo o conjunto do pensamento moderno parece tao frivolamente estranho ao fundamento do pensamento. Em outras palavras, a preocupacao com a morte nao faz, tecnicamente, parte da filosofia moderna, e, em consequencia, a filosofia moderna é tecnica demais para ser uma filosofia no sentido cristao, ou grego, ou atual, da palavra.

Na idade media a pergunta que a filosofia posava, era diferente. Era, em sintese uma só, e tinha sido formulada por Agostinho: Deum atque animam cognoscere cupisco. Nihilne plus? Nihil. Anseio conhecer a Deus e a alma. Mais nada? Nada. Na atualidade estamos reformulando maliciosamente a mesma pergunta na forma seguinte: Anseio conhecer a alma. Mais nada? O nada. Isto porque descobrimos que, como diz Heidegger intraduzivelmente: "Das Nichts nichtet (o nada nadeia)" e a nossa polaridade nao é mais Deus e a alma, mas "L'etre et le Néant" para falar com Sartre. Nesse tipo de pergunta filosofica a morte forma o tema central, é dela que se trata sempre. A posicao que tomarmos a respeito dela caracterizará toda a nossa ontologia, metafisica, logica, epistemologia, etica e estetica. E isto equivale dizer que, tendo nos resolvido a formular a nossa pergunta basica dessa maneira, toda a nossa ciencia, arte, politica e atitude pratica dependerá da posicao que tomarmos para com a morte. Costuma-se dizer que estamos prestes a mergulhar, (ou emergir) em uma nova idade media. Creio que é precisamente nesse sentido que esta afirmacao é verdade.

Diante do fato brutal e insofismavel da morte sao possiveis, conquanto eu vejo, sómente quatro atitudes. Podemos considerar a morte como a liberacao dos males da vida. Podemos considerar a morte como a transicao para uma vida nova. Podemos considerar a morte como a aniquilacao definitiva e absurda de tudo. E podemos minimalisar a morte. A primeira atitude é propria do oriente. Se bem que influenciou profundamente muitos pensadores ocidentais, (Schopenhauer e os românticos ingleses, para dar dois exemplos), nunca foi realmente aceita e assimilada pela Europa. Socrates brinca com ela no Phaedo, os Stoicos simpatizam com ela, e Spinoza talvez a abraça nostalgicamente, mas ela é fundamentalmente contraria ao temperamento do ocidente. A segunda atitude é tipica das religioes ocidentais, ela é expressa na frase do Talmud "Chajeh Hamessim - os mortos vivem" e nos misterios orficos, e ela alcanca a forma mais desenvolvida na doutrina crista da imortalidade das almas. A terceira atitude é a atitude desesperada e desgracada do existencialismo em todas as suas formas, a qual acompanha, como uma sombra, a atitude crista durante todo o percurso do pensamento europeu. A quarta atitude é a atitude irresponsavel da idade moderna.

Analisando bem

O conceito da morte.

Analisando bem as quatro atitudes, elas se reduzem, basicamente a duas. São o desejo da morte e o medo da morte. O oriente deseja morrer, mas não o consegue, sempre se reencarna. O ocidente teme morrer, e a morte o ameaça a qualquer momento. Desprezarei por ora a atitude oriental e a metafísica, a epistemologia e a ética, dela decorrentes. Tentarei analisar rapidamente as três atitudes ocidentais, que são basicamente a mesma. Para o cristão a morte é a porta para a vida eterna. Em consequência surge uma metafísica bem definida, caracterizada por duas realidades. Uma inferior que caracteriza tudo que existe ou acontece antes da morte. E outra superior que caracteriza tudo que persiste depois da morte. Uma é temporal, outra alheia ao tempo. Uma aparente, outra essencial. Uma ~~XXXXXXXXXXXX~~ perceptível, outra concebível. E a morte é ao mesmo tempo o abismo que separa as duas realidades e a ponte que as une. Para o existencialista a morte é definitiva e absurda, isto quer dizer ela é certa e impossível. Em consequência surge uma ontologia banhada e inundada pelo nada. O milagre é que alguma coisa existe, porque seria de se supor que nada existisse. Naturalmente, aquilo que existe, existe somente em função daquele ser vivo que vive para morrer, e existe somente enquanto ele vive. A existência, (se me permitem usar essa palavra um pouco incorretamente), a existência de todo aquilo que chamamos mundo reside justamente no fato de ser vivido. E a vida reside justamente no fato de viver aquilo que chamamos o mundo. Portanto temos que distinguir duas formas do ser, a forma viva (a existência sensu stricto), e a forma vivida, (o estar diante da mão, como dizem os existencialistas). E a morte a situação limitrofe, é o horizonte dessas duas formas do ser, no qual se tornam nada, porque o "nada nadaia". Para o homem da idade moderna a morte não é um tema apropriado, não se fala nela em boa companhia. É algo parecido com o sexo durante a época vitoriana. Em consequência podem surgir as mais variadas metafísicas e ontologias. Idealismo e materialismo, monismo, dualismo, pluralismo, positivismo, criticismo e pragmatismo, tudo é possível. Tirando a morte, negando-lhe a importância central para os problemas da realidade, deixa-se espaço de sobra para que nele a fantasia construa os mais imponentes edifícios metafísicos, e a idade moderna é testemunha disso.

Os problemas da epistemologia são igualmente preformulados por nossa atitude para com a morte. Para o cristão, com sua realidade dupla, existem duas espécies de conhecimento. Um relativo a realidade inferior, que é o conhecimento experimental, indutivo e que estabelece a probabilidade. Outro relativo a realidade superior, que é o conhecimento formal, dedutivo e que estabelece a certeza. Um trata dos fenômenos particulares, o outro das ideias gerais, um estabelece julgamentos a posteriori, o outro a priori. A ciência é o método do conhecimento inferior, a lógica formal é o método do conhecimento superior, ela persiste intocável pela morte. Para o existencialista com suas duas ou mais formas de ser, o conhecimento é o processo autêntico de se fundirem essas formas, em outras palavras o conhecimento surge quando a existência vive autenticamente, e quando o que está diante da mão é realmente vivido. A existência autêntica apreende o que está diante de sua mão, ela o pega na mão, e assim o compreende. Depois ela o incorpora em si mesma, tanto assim que aquilo que esteve diante da mão está agora compreendido dentro da existência, se tornou uma vivência autêntica, e esta vivência se chama conhecimento. O conhecimento modifica a forma de ser daquilo que esteve diante da mão, para torná-lo um instrumento da existência, e portanto uma parte compreendida dentro da existência. Mas a existência que não é autêntica, aquela que não se resolve a morrer, está fechada na sua angústia, ela não estende a mão para aquilo que está diante da mão, e portanto nada compreende. Para ela aquilo que está diante da mão não se torna instrumento, mas, pelo contrário, um obstáculo que a fere, a oprime e a condiciona na sua queda cega e sem compreensão na direção da morte. Esta epistemologia ingénua e, (porque não confessa-lo?) profundamente atrativa é, para mim, a principal fascinação do existencialismo. Para o homem da idade moderna, que não quer saber da morte, e portanto sabe tanto da realidade, o conhecimento assume as diversas formas proteicas e faz os diversos saltos mortais que discuti, um pouco prematuramente, na quarta feira passada. O logicismo formal é árido, mas ao mesmo tempo beirando um misticismo negativo (se me permitem falar assim) de um Wittgenstein e um Carnap demonstram, creio, o cul-de-sac, ao qual nos conduz uma política de avestruz diante da morte. Se a realidade é concebida meramente intelectualmente, sem referência para a suprema experiência ultraintelectual que é a morte, então é claro que essa realidade pode ser compreendida somente mediante o intelecto

O conceito da morte

Mas o intelecto, sendo uma capacidade formal do espirito, nao é um instrumento para compreender a realidade, mas sómente um instrumento, (para usar uma frase de Wittgenstein,) para desenhar o esquema, dentro do qual a realidade deve ser preenchida. Portanto o intelecto é incapaz de se desenhar a si mesmo, mas é justamente o que dele esperam aqueles que concebem a realidade intelctualmente. É como se alguém encomendasse de um cartografo nao uma carta de Sao Paulo, mas uma carta da cartografia. Ele se perderia em esquemas sempre mais aereos, em simbolos sempre mais vazios, até rasgar com desgostp todas as suas mapas. É exatamente o que Wittgenstein fez e Russell devia ter feito.

Tambem os problemas da etica e da estetica sao profundamente marcados por nossa atitude para com a morte. Para o cristao existe uma escala de valores objetiva e o conjunto desses valores é justamente o que forma a realidade ulterior que persiste alem da morte. A etica e a metafisica para o cristao se fundem. Aquilo que Kant chamou de razao pura e de razao pratica se fundem no espirito do cristao a ponto de nao poderem ser separados. Ou, para dizer a mesma coisa do outro ponto de vista: A possibilidade de se distinguir a razao pura da razao pratica prova, para o cristao, como Kant se tinha afastado da realidade. A diferenca entre a realidade superior eterna, e a realidade inferior temporal, reside justamente no fato de ter a primeira valor em si, a segunda valor somente em funcao da primeira. A razao pura, aquela que trata da realidade inferior, é portanto somente um aspecto inferior da razao pratica, a qual, como Kant tem observado corretamente, está em contacto direto com a realidade ulterior, com os valores eternos. A morte adquire um sentido, e consequentemente a vida adquire um sentido, vista a partir desses valores eternos. A vida é a escola, na qual aprendemos os valores, e a morte é o exame vestibular para a vida nova. Acho que já expliquei nas quartas feiras anteriores a bastança a visao etica cristã do mundo. A estetica dentro do cristianismo é subordinada a etica e poderei ignora-la. Para o existencialista so pode haver um valor, se é que isto se possa chamar de valor, a saber a autenticidade. A situacao do homem é absurda, tudo que ele faz, ou quer, ou sente, ou pensa, carece de sentido, porque está condenado de antemao ao nada, a morte. O homem é derrotado em tudo pelo nada, e é derrotado nao somente em totalidade de sua vida, pela morte, mas tambem em cada instante individual, pelo nojo. Esse nojo é inevitavel, é o produto da certeza da morte e portanto da carencia de sentido de qualquer acao, de qualquer pensamento, de qualquer sentimento. É no entanto, possivel, aceitar a morte, aceitar o nojo, resolver-se a morrer, resolver-se a viver com o nojo, viver quand-meme, a despeito da morte e do nojo. Nisto reside a autenticidade. A outra possibilidade é recusar-se a morrer, recusar-se a sentir nojo, recusar-se a viver quand-meme, e essa recusa poder tomar a forma de suicidio metafisico o mergulho na fé, ou a forma do suicidio fisico, o mergulho no rio. Nisso reside a decadencia, a nao-autenticidade. A diferenca entre essas duas mentalidades da existencia nao pode ser discursada, tem que ser vivida. Confesso que essa etica nojenta e horrorosa é amplamente modificada por diversos pensadores existencialistas, Jaspers por exemplo. Mas essas modificacoes nao me parecem autenticas, se me permitem usar essa palavra depois daquilo que foi dito. Mas o que falta ao existencialismo em forca etica, compensa pela forca estetica, e depois é no campo do belo e da arte, que a autenticidade adquire o seu significado. A interpenetracao entre a existencia e a quilo que está diante de mao, quando autentica, nao resulta somente em conhecimento, mas resulta, como já disse, na transformacao daquilo que esteve diante da mao em instrumento vivido. Em outras palavras o conhecimento é uma fase de um processo, e a obra de arte é outra fase do mesmo processo, a saber do processo da vivencia dentro da autenticidade. A vida da existencia autentica consiste, por assim dizer, em uma serie de vivencias criadoras. Tudo aquilo que esteve diante da mao, mas agora se tornou compreendido dentro da existencia, isto quer dizer todo o passado de todas as existencias autenticas, é testemunha (Zeug und Zeuge) da forca criadora da autenticidade. O conjunto da civilizacao é testemunha do produto criador da conversacao autentica entre as existencias, e como tal, em certo sentido, aniquila a morte. É verdade que as obras nao existem no mesmo sentido como existem as existencias, elas estão á mao, nao existem sensu stricto, mas na forma de ser que as obras tem elas superam a morte. A estetica do existencialismo é, depois de sua epistemologia, o que mais me atrai nessa corrente de pensamento. Creio que há, nessa concepcao imediata e vivida do processo da criacao artistica, o germe para uma nova atitude para com a morte. E será talvez possivel, atravez da estetica existencialista, vislumbrar uma nova ontologia, que permitirá enfrentar a morte sem sermos aniquilados por ela. Para os pensadores da idade moderna, que nao repousam sobre a morte, a etica e a estetica se relativizam e pulverizam. Nao lhes falarei das eticas ocas e sem sangue, sem simpatia e sem pulsacao, que caracterizam esses professores que querem

O conceito da morte.

nós querem ensinar o bem pelo método matemático com demonstrações com papel e lapis. Perto desses coitados, desses kantianos e benthamitas, desses lockeistas e leibnizistas, com suas concepções do summum bonum e de um Deus necessário e assim por diante, até a horrível ética dos existencialistas e de seus precursores como Schelling, Schopenhauer e Nietzsche, é tolerável, por ser pelo menos autêntica. Talvez pouco falarei da estética da idade moderna. Direi somente que com a idade média morreu o último estilo artístico autêntico do ocidente, o estilo gótico, e que o primeiro estilo autêntico ocidental ressurgiu depois da morte do mundo moderno e com o nascer do espírito existencialista, a saber as artes do fim do século dezanove. Não direi o absurdo de que a Europa não produziu obras de arte durante a idade moderna, mas direi que o espírito moderno fez o possível a sufocar a força criadora, que continuou não graças, mas a despeito desse espírito de pergaminho. Os diversos renascimentos e classicismos são prova da mania seca e murcha do espírito ocidental durante a idade moderna, e as grandes obras realizadas durante essa época são prova do vigor criador da Europa a despeito dessa mania.

Ao reler o que acabo de escrever verifico que embarquei, ao analisar o conceito da morte; na aventura de descrever toda a história do pensamento ocidental a partir do cristianismo até os nossos dias. Essa aventura resultou, como não podia ser diferente, em um esboço demasiadamente superficial e demasiadamente denso. Não o lamento, no entanto. Não há, para mim, maneira melhor de iniciar a viagem a partir dos primeiros cristãos até as praias de nossa geração, de que debaixo da bandeira da morte. Porque eu, a despeito de ocidental, não estou de todo alheio ao conceito oriental da morte, daquele conceito calmo e sorridente, tão bem simbolizado pelo Buddha. Se o nosso tempo resolveu renovar um contato autêntico com a realidade, se resolveu deixar toda essa mentira hipócrita do século dezanove para trás, que faz como se o progresso com seu barulho pode fazer calar a voz da morte, espero que esse contato novo não seja feito somente no sentido existencialista, mas que nele participe também a tradição cristã e a tradição do oriente. O cristianismo e o budhismo, essas duas principais correntes do espírito humano, ensinam o contrário quanto a morte e parecem ser irreconciliáveis. No entanto, ambos são religiões de salvação, para ambas a morte perdeu o terror primitivo. Não sei como conciliá-las nem tenho plano para uma atitude nova para com a morte. Mas sei que neste problema estão resumidos todos os outros. "Death, where is your sting?", com esta pergunta encerrarei esta leitura, talvez um tanto sentimental demais, mas creio preparada sem pose.